

A partir do conceito de documento/monumento, enfatizamos a necessidade de pensar as condições de produção e apropriação das fontes históricas, rompendo com o caráter aproblemático que lhes têm sido dado nas salas de aula. A pesquisa proposta se relaciona com a constatação de um descompasso entre a reflexão teórica feita pelos historiadores e a repetição de antigos paradigmas no cotidiano escolar. No debate historiográfico, notadamente a partir de um referencial teórico produzido por Michel Foucault, o documento, seja ele de que natureza for, perdeu a ingenuidade, tornou-se monumento e passou a ser alvo de uma crítica que o impede de ser um veículo natural da verdade do passado. Em contrapartida, no nível escolar, a partir de uma análise que se valeu da seleção de certa quantidade de livros didáticos, percebemos a continuidade do uso das fontes documentais segundo pressupostos já exorcizados pela historiografia. Após lançar um olhar sobre as obras enquadradas no PNL D que fazem uso de fontes históricas, vimos que o documento segue sendo abordado meramente a partir de sua qualidade ilustrativa ou como um reforço de autoridade visando dar maior credibilidade ao conjunto argumentativo/narrativo do texto didático. Percebemos, ainda, a proposição de atividades com documentos no sentido de reforçar os argumentos e as descrições dos conteúdos propostos pelo texto didático. Considerando a diferença de finalidades entre a história estudada pelos historiadores e a história apreendida na escola, chegamos a um resultado: ou propomos um tratamento mais complexo às fontes históricas em sala de aula, refletindo a respeito das suas condições de produção e apropriação, ou teremos que questionar a continuidade do trabalho com documentos fundamentado em pressupostos teóricos já superados.